



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião do Conselho Nacional de Segurança Alimentar – Consea**

**Palácio do Planalto, 25 de fevereiro de 2003**

Bom, primeiro deixem-me chamar para a Mesa, o companheiro que estou indicando como presidente do Consea, o companheiro Luiz Marinho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Companheiros e companheiras,

Companheiro Graziano,

Companheiro Marinho,

Companheiros membros do Consea,

Companheiros ministros que estão presentes nesta primeira reunião do Consea,

Quando eu resolvi indicar o companheiro Marinho como presidente do Consea, foi por uma decisão muito... (desculpem-me, eu não falei ministras presentes, estou vendo duas aqui), foi porque eu acho que a ação do Consea é uma ação da sociedade civil que precisa ter um grande dirigente político.

Eu, há muito tempo, aprendi que um bom técnico é um bom técnico; um bom político é um bom político. Nenhum político deve se meter a exercer o papel competente do especialista. E, muitas vezes, o especialista se confunde em exercer o papel do político.

E escolhi o Marinho porque conheço o Marinho como dirigente sindical e sei, sou testemunha, do crescimento político do companheiro. Sou testemunha viva do quanto esse “menino” progrediu, como um dos mais brilhantes dirigentes sindicais deste país. E acho que o movimento brasileiro tem um papel importante para cumprir, porque faz, pelo menos, uns 10 anos que tenho brigado com o movimento sindical, porque o movimento tem que deixar de ser apenas corporativista e se



transformar num instrumento mais defensor do conjunto da sociedade.

Eu até apelidei esse nome, de que nós deveríamos transformar o sindicato num sindicato chamado “sindicato cidadão”. Um sindicato que, ao mesmo tempo que defenda os interesses daquele que está entrando para trabalhar na porta de uma fábrica, se preocupe com aquele que já entrou na fábrica e que está vendendo cachorro-quente na porta da fábrica.

Um sindicato que se preocupe com aquele que está na porta da fábrica, mas se preocupe também com aquele que está em casa, com a criança que está em casa, que é resultado de muitas coisas que acontecem ou que não acontecem no mundo do trabalho, neste país.

Um sindicato que eu tenho chamado a atenção para que se transforme num instrumento político da sociedade, mais do que num instrumento corporativo de uma categoria específica.

E um sindicato que comece a se preocupar com aqueles que querem trabalhar e não têm trabalho, com aqueles que querem comer e não têm comida, com aqueles que querem estudar e não têm escola, com aqueles que querem saúde e não têm acesso a médico, com aqueles que querem remédio e não têm dinheiro para comprar. E, sobretudo, um sindicato que se preocupe com as coisas que acontecem em Brasília.

Por exemplo, quando está se discutindo política tributária no Congresso Nacional, a discussão deve interessar mais ao sindicato do que apenas uma reivindicação de 5% na sua categoria específica.

Quando se discute o Orçamento da União, é naquele instante que o movimento sindical, sobretudo os trabalhadores, o funcionalismo público, tem que estar metendo o dedo, para aprovar a verba que, depois, eles irão reivindicar como aumento de salário, porque se não estiver no Orçamento não tem como garantir esse aumento.

E é exatamente por isso que eu acho que o movimento deve assumir um papel importante, numa luta que o movimento muitas vezes não achou que era dele,



que é o combate à miséria, neste país.

O Cristovam Buarque, que está, aqui, sempre brigava, em Brasília; ele dizia: “Lamentavelmente, o movimento sindical só representa aqueles que estão incluídos. Os excluídos estão marginalizados da representação de uma entidade que tem a estrutura que tem o movimento sindical brasileiro”.

E eu estou certo, companheiro Marinho, de que, indicado presidente do Consea, você vai conseguir trazer para essa luta do combate à fome, a totalidade do movimento sindical ou, pelo menos, a totalidade daquelas pessoas que têm sensibilidade e que pensam o país como um todo.

Eu estou certo de que nós poderemos ter a mais ampla participação dos mais diferentes segmentos da sociedade, tendo em conta que a comida é o bem mais elementar que não deve faltar para um ser humano.

Ontem, fui à Confederação Nacional do Comércio, onde eles se engajaram no projeto Fome Zero. E passo parte do meu dia tentando convencer as pessoas de que, se acabar com a fome no mundo fosse fácil, a gente não teria tanta fome no mundo. É importante lembrar que governantes de 120 países estiveram na Itália, em 1996, e assumiram um compromisso de que em 2015 a fome estaria reduzida a 50% no planeta Terra.

Faz 10 dias que estive com o diretor-geral da FAO, aqui no Brasil, no Itamaraty. E ele me dizia que o fracasso dos governantes foi de tamanha grandeza que a previsão que era para 2015, passou, agora, para 2050.

E nós não vamos esperar nem 2015, nem 2050. A gente pode até não fazer tudo que a gente gostaria de fazer. Digo sempre que cada um de nós, sobretudo o Governo, precisa olhar para o povo como se estivesse olhando para o seu próprio filho. E quando uma mãe responsável ou um pai responsável olha para os seus filhos, ele pode até dizer para o filho: “Olhe, eu não posso fazer tudo o que você quer, mas você tem que ter a certeza de que estou fazendo tudo o que posso fazer para atender e lhe dar aquilo que você merece de melhor.”

É um pouco isso que retrata essa luta contra a fome. Não é fácil, até porque



também, muitas vezes, a gente não consegue nem detectar onde está o faminto e se aqueles que estão comendo, estarão comendo as calorias e as proteínas necessárias à qualidade de vida humana que as pessoas têm que ter. Eu, muitas vezes, me deparo com notícias, com comentários de que as coisas não estão andando, de que está demorando muito, como se fosse possível, num passe de mágica, fazer “assim” e acabar com a fome no país. Se fosse fácil assim, esse problema não teria ficado para nós. Alguém teria resolvido antes de nós.

E nós colocamos isso como coisa prioritária porque somente quem passou fome sabe o que é a fome. Uma coisa é a fome de literatura. Uma coisa é a fome de você saber, por ouvir dizer, que alguém está com fome. Outra coisa é a fome de quem passa fome. Outra coisa é uma dona de casa ver o sol se pondo, um fogão de lenha com uma boca só, um pedacinho de madeira queimando, um pouquinho de água fervendo e não ter 300 gramas de feijão para colocar naquela água, não ter o arroz, não ter o leite e muito menos o pão. E não é apenas um dia. São vários dias, durante vários meses e, às vezes, durante vários anos.

Lembro-me que, uma vez, fui à fazenda Macaxeira. Esse dado é muito sintomático, porque foi logo depois daquela chacina que houve em Eldorado dos Carajás. E lá foram assentadas centenas de famílias. Quando cheguei, as pessoas tinham recebido uma cesta básica. E as mulheres se acercaram, de mim e começaram a dizer: “Olhe, Lula, a única coisa boa que veio aqui foi o fubá, Lula, porque o arroz estava tão envelhecido que a gente colocava na palma da mão e virava farelo. O feijão, Lula, a gente coloca no fogo e coloca um prego junto. O prego derrete primeiro que o feijão, Lula. É quase impossível a gente comer.”

E, possivelmente, em muitos lugares do país, ainda aconteça isso. Lembro-me de um feijão que chegou à cidade de Diadema, que foi mandado para pesquisa no Instituto Adolfo Lutz. Das três remessas que chegaram, as três voltaram porque o feijão estava fora do ponto de comer.

Quer dizer, até quando vamos permitir que isso continue acontecendo, como se não fosse conosco? Até quando vamos continuar achando que a fome não é um



problema de quem não tem fome? A fome precisa ser transformada num problema político da maior envergadura, se a gente quiser resolvê-lo definitivamente.

É uma pena que os famintos não tenham força e nem a consciência política de se levantar contra a sociedade que come e dizer: “Eu existo. Eu também tenho o direito de comer.” A gente ouve muito se dizer “Ah, o povo tem que apanhar para aprender. Ah, tem que passar fome para aprender.” É a coisa que a gente mais ouve na gíria popular. “Não, a pessoa tem que passar fome para aprender.” E eu descobri, depois, na minha vida sindical e política, que a fome não leva nenhum homem e nenhuma mulher à revolução. Se fosse assim, que bom seria. A fome leva à submissão. A fome transforma o ser humano num pedinte, numa presa fácil na mão de determinados tipos de políticos que, no Brasil, se perpetuaram durante séculos, utilizando a fome como cabo eleitoral para se elegerem.

Nós só temos 4 anos de mandato. E acordo todo dia achando que, em 4 anos, a gente pode fazer muita coisa. A gente pode fazer muita coisa a cada dia. Nós nunca tivemos neste país a vontade, a disposição que a sociedade tem agora de fazer alguma coisa. Nunca. Eu nunca vi tantas pessoas se aproximarem de um Presidente da República, não para pedir um favor ou um emprego; o que as pessoas mais pedem para mim é saber como participar, para a gente poder recuperar este nosso país.

Acho que essa disposição da sociedade tem que ser canalizada pelo Consea, e agora estamos instalando, o Conselho Nacional. Mas precisamos criar os Conselhos Estaduais, os Municipais, porque é preciso criar uma consciência na sociedade de que um Governo pode fazer muito, mas, por mais que o Governo faça, ele não tem a mesma força que a sociedade terá, se ela quiser assumir para si a tarefa de cuidar disso. Acho que nós, do Consea, nós, do Governo e nós, da sociedade civil, precisamos estar sempre alertas porque, muitas vezes, somos muito exigentes conosco mesmos. Muitas vezes, exigimos de nós aquilo que é quase impossível a gente exigir, mas a gente exige, quase como se acordássemos todo dia querendo atingir a perfeição.



Eu queria pedir a vocês um pouco de humildade. Não vamos exigir de ninguém a perfeição, porque Deus não nos fez perfeitos. Ele nos fez errados do jeito que somos, para, de vez em quando, a gente pedir perdão; para, de vez em quando, a gente descobrir que errou; para, de vez em quando, a gente descobrir que tem limites. O que Ele quer de nós é que sejamos sabedores dos nossos limites, mas que trabalhemos 24 horas por dia, no limite dos nossos limites, para que a gente possa fazer o máximo que a gente puder fazer, a cada dia.

Fico imaginando cada um de nós deitar todo dia a cabeça no travesseiro, dizendo: “Hoje, vou dormir tranquilo porque cumpri o meu papel. Hoje, cumpri o meu papel de cidadão brasileiro que tem consciência política e que não se conforma que os seus semelhantes não tenham podido ter o mesmo que tive hoje: tomar café de manhã, almoçar e jantar.”

E sabemos que isso não é uma coisa simples. Por quê? Porque não depende apenas de dar comida. Estamos tentando dizer: a grande coisa do projeto Fome Zero é que a gente não quer dar o peixe. A gente quer ensinar a pescar. Mas também, se a gente não tiver piedade de quem não conseguiu pescar ou não aprendeu ainda e não lhe der um peixinho, vai ficar muito ruim.

Então, neste momento, em que estamos combinando políticas estruturais, com ações inclusive de solidariedade, temos que acreditar piamente na sociedade civil. Nós não podemos ficar exigindo ou criando dificuldades para a sociedade civil participar. Ela é a razão pela qual a gente vai conseguir acabar com a fome neste país. Não será o Governo. O Governo pode e vai fazer a sua parte. As mudanças estruturais deste país vão acontecer. Mas isso é que nem colher uma fruta. Não adianta a gente, por pressa, colhê-la verde, porque a gente vai comer, não vai gostar e vai jogar fora.

E nós estamos num processo de amadurecimento. Porque todo mundo sabe que nós precisamos fazer as coisas de forma diferente do que vinha sendo feito neste país. Todo mundo sabe que nós precisamos de um outro modelo econômico. Todo mundo sabe que nós precisamos reduzir a taxa de juros. Todo mundo sabe



que nós precisamos fazer a reforma agrária, gerar emprego, fazer política agrícola. Foi para isso que nós ganhamos. Foram esses compromissos que nós assumimos em praças públicas. E são esses compromissos que nós queremos cumprir. E vamos cumpri-los, podem ficar certos de que vamos cumpri-los.

E começaremos a cumpri-los na hora que a gente puder afirmar, não importa o dia, mas puder, em algum instante, avisar, em algum lugar do mundo: “No meu Brasil as pessoas não conseguiram ainda todas comprar computador. No meu Brasil, todas as pessoas não podem ainda viajar de avião”. Ou, até dizer: “No meu país todas as pessoas não conseguiram ainda chegar à Universidade”. Ou: “No meu país as pessoas não conseguiram ainda comprar o seu primeiro ou o seu segundo carro”. Mas nós temos que dizer: “No meu país, todas as pessoas que lá moram tomam café, almoçam e jantam todo dia”. É isso que a sociedade espera de nós e é com isso que, eu acho, o Consea poderá contribuir para a gente fazer, definitivamente.

Quero agradecer a todos vocês, com carinho, pela dedicação de cada um. Porque não é fácil tanta gente boa trabalhar de graça, apenas por amor à causa. Quero agradecer a todos os ministros, que estão aqui, todos, sem distinção: Ciro, Rossetto, Roberto Rodrigues, Marina, Emília, Cristovam, Wagner, Humberto Costa.

Mas todos são sabedores, não apenas porque isso faz parte do ideário deste Governo, mas porque faz parte do compromisso de vida deles. E todo o Governo pode ficar certo: do Presidente da República ao mais humilde funcionário deste país, todos terão que dedicar um bom tempo da sua causa, para que a gente possa, de uma vez por todas, acabar com a fome.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.

/mcpro/lrj